

## I.4. Il *Cancioneiro Geral* di Garcia de Resende e la cavalleria a corte

**Testo 4.9 Jorge Ferreira de Vasconcelos, [Prologo con le Parche che tessono il destino tragico di D. João III]: *Memorial das Proezas ao muito alto e muito poderoso Rei Dom Sebastião, primeiro deste nome em Portugal, nosso Senhor*, edição conforme a 1567, impressa em Coimbra, em casa de João de Barreira / prefácio, atualização, transcrição do texto e notas de João Palma-Ferreira, Lello editores, Porto, 1998, pp. 5-7.**

Il *Memorial das Proezas da Segunda Távola redonda*, pubblicato a Coimbra nel 1567 e dedicata al re Dom Sebastião, costituisce in un certo senso l'apice della maturità della letteratura cavalleresca portoghese. Dopo di essa inizierà, quasi fosse legata a doppio filo alle sorti dell'impero asiatico, il declino fatto ormai di stanche tautologie e serie infinite, sempre meno verosimili, di avventure. Del resto il profilo del suo autore, Jorge Ferreira de Vasconcelos (1525?-1585) è più che mai dentro il circuito umanistico di corte. Dapprima *Moço de câmara* dell'Infante Dom Duarte, morto nel 1543, poi del principe D. João, figlio di Dom João III, che morirà anche lui nel 1554 lasciando come figlio postumo Dom Sebastião appunto. Autore di tre commedie (*Eufrosina*, *Ulissipo* e *Aulegrafia*) oltre al *Memorial* la Biblioteca Lusitana gli attribuisce un altro romanzo cavalleresco, *Triunfos de Sagrimor* (1554) che tuttavia forse rappresenta una prima redazione del *Memorial* stesso.

Se si considera che il *Memorial das Proezas da Segunda Távola redonda* precede di soli 5 anni la pubblicazione dei *Lusiadi* di Camões, entrambi imbastiti su valori comuni – la ideologia cavalleresca, le intenzioni epiche, i richiami classici, l'esaltazione della monarchia, l'elogio della lingua ecc. – emerge con chiarezza il divario stridente che separa il romanzo di Jorge Ferreira de Vasconcelos dalla epica camonianiana. L'armonia tra il piano mitologico e sfondo storico insomma, su cui si struttura l'architettura del poema sintesi del 1572, è assente nel *Memorial*, ove prevalgono finalità pedagogiche ed esemplari e una concezione del potere di stampo medievale, con l'uso obsoleto dell'apparato simbolico e storico della cavalleria. Al contempo, si sanziona un elemento coniugativo con le precedenti opere cavalleresche di autore del Cinquecento, le novelle di João de Barros e di Francisco de Moraes: la presenza di fattualità, storiche o autobiografiche, che agguingono nella narrazione «realia» ai mondi possibili della cavalleria portoghese.

L'opera costruisce un macchinoso equilibrio tra il retaggio arturiano (palpabile sin dal titolo) e lo spirito cinquecentesco portoghese, un dualismo complesso e spesso artificiale. Inventava una seconda tavola rotonda presieduta dal re Sagamor, successore di Artù, costituita prevalentemente dai discendenti della tavola arturiana. Grazie ai prodigi della maga Merlinda, Sagamor dalla leggenda entra nella storia: assiste infatti al torneo di Xabregas effettivamente svoltosi nell'agosto del 1552 durante il regno di Dom João III. L'intento solare dell'opera è quello di esaltare, attraverso la tradizione e le tenzoni contemporanee, la monarchia portoghese. Nel prologo si esibisce, secondo i dettami rinascimentali, un erudito corredo classico di riferimenti e autori. Il tutto con la finalità apologetica spesso menzionata: mitificare attraverso l'inveramento della materia finzionale nella storia (il torneo) la corona portoghese, anche se, come emerge dal capitolo finale («Do remate destes males») quello che alla fine emerge è il tono elegiaco con cui si annuncia la prematura scomparsa del sovrano, Dom João. I miti di cavalleria e crociata comunque mantengono appieno, anche fuori dal tempo, il loro pieno vigore.

## Prólogo a el-Rei, nosso Senhor

Quanto ao cabo o tempo tem seu curso (muito alto e muito poderoso Rei e senhor nosso), vê-se claro no fastio que mostra das cousas que já aprovou, como seja de velhos certo termo aborrecer os exercícios de mancebos. Não cuido, porém, que haja algum tão pertinaz e inimigo da razão que negue a valia dos feitos heróicos e o preço devido à boa memória, a qual sempre fortificou e produziu novos Impérios, o que, assim entendido de Temístocles, capitão Ateniense, por muitas noites foi visto passear nas praças de Atenas, sem repouso. E, perguntado por que não dormia, respondeu que o desvelavam os triunfos de Melcíades. A este mesmo fim, dizia Cipião que se lhe acendia o ânimo em belicosa virtude olhando as estátuas dos passados. Júlio César, timbre de Imperadores, tendo pintado Alexandre Magno, suspirou com inveja de este acabar a conquista do universo e apossar-se da Monarquia na idade em que ele a pretendia com os desejos somente. E daqui veio aos pôr em efeito, donde parece quanto semelhantes exemplos comovem e incitam a imitá-los aqueles que os contemplam e sentem. E se os estranhos esta força têm, de necessidade os naturais terão muito maior jurisdição.

Considerando, pois, eu no esclarecido Príncipe, vosso padre, que está em glória, coluna que sustinha as esperanças destes Reinos e nos prometia de si o efeito, muito além do cuidado, por quem, com muita razão, todos suspiramos, cá nos fora norte e claro exemplo de imitação; e que sendo a suma providência servida de levá-lo para si em flor, em penhor dele nos deu mais miraculosa que naturalmente Vossa Alteza, de que os fados nos prometem gloriosas e extremadas empresas, pareceu-me de obrigação e necessidade trazer à luz o torneio e mostra que nos dele ficou, para que como os que o tratamos temos na memória viva a dor de tal perda. Os que o não alcançaram, participem desta mágoa e para Vossa Alteza seja o *abc* e princípio de suas heróicas obras; e juntamente cumpro com o que por ele, em vida me foi mandado, o que me pode ser desculpa e ante Vossa Alteza ser aceite e respeitando o enxerir e encastoar o diamante desta escritura em um engaste de pau, se o parecer, o da história que com ela apresento, ao esclarecido Príncipe já apresentada. Porque como por si a ciência seja uma cousa singular, a que Juvenal chama vencedora da fortuna, Aristóteles nenhum género dela estima ser mais excelente que a que ensina fazer um bom Príncipe. Esta pediu Salomão por companhia de seu real trono. Está falando de si mesma. Diz:

— Por mim governam os Príncipes. A qual, sendo um conhecimento de cousas divinas e humanas, a Príncipes sobre todos necessário, que não se alcança salvo lendo e vendo muito, parece não lhe fazer pequeno serviço quem com próprio trabalho extrema e escolhe, dentre os Caos das ciências, os elementos e flores da mais necessária e própria a seus reais espíritos que, tomados da ocupação de suas obrigações, não têm espaço para por si fazerem a tal escolha. Terá a Vossa Alteza, doutros que receberam mais talentos, maior logro. Eu, seguindo o costume dos Persas, que não se apresentavam ante a Majestade Real sem oferenda, à qual o sumo Príncipe Cristo, nosso autor confirmou ser devida, em reconhecimento da natural servidão, querendo pagar o foro de meu labor e trabalho, achei a matéria heróica mais apropriada a todo real engenho, por nela se tratar qual deve ser o varão por fama conhecido sobre as estrelas, segundo Homero e Vergílio altamente o pintaram em seus Poemas, aos quais os nossos modernos imitaram com não menos artifício, quando não estilo, nas histórias del-Rei Artur, de Amadis de Gaula e muitas outras semelhantes, as quais, muito sem causa, são julgadas por vãs e sem

fruto (opinione leve e vulgarmente concepida); cá se cremos a Horácio, aquele tomou a palha que misturou o proveitoso com o doce.

Claro está, pois, com quanta melodia nas tais heróicas escrituras se trata o bom da paz, o necessário da guerra, a virtude de uns, a malícia de outros; finalmente se mostra a seara das inclinações humanas, seus primores, seus defeitos e a pintura desta vida, no curso tão diferente quanto no remate conforme. E assim se diz de santos e graves Doutores, colunas da militante Igreja, que não somente as leram e se ajustaram de suas flores enxeridas em sua sagrada doutrina, mas fizeram dignos de suas lágrimas os tais fingimentos, dado que vão, com cuja autoridade tornei esta árdua empresa, com entender que me ofereço a muita repreensão Portuguesa e cortesã, cada urna assaz áspera e para temer muito e que tem de costume e não de boa consideração acanhar os naturais, o que realmente mais parece fraqueza de engenho e condição desconfiada, que subtileza de espíritos, nem suficiência. Como eu, porém, não pretendo louvor próprio, satisfaçome com a minha tenção e, juntamente, me lembra o que, nesta parte, São Jerónimo padeceu, pois em sua defesa diz que chamando alguns a Vergílio compilador de cousas velhas, por tresladar de Grego em Latim certos versos de Homero, respondeu: — «Furtar de grandes varões, é tirar a maçã da mão de Hércules.» E Túlio também foi notado destes furtos, nem houve escritor que carecesse de seu zoilo repressor.

Assim, que onde os tais se queixam, que posso eu padecer menos, antes mais e com razão, por o que não me desculpo dos erros e atrevimentos de que, nesta trasladação do triunfo del-Rei Sagramor, posso ser repreendido. Nem os nego, nem também confesso não ser de muita estima todo Poema bem composto e serem sempre lidos e estimados dos doutos e nobres e um rascunho de animosos e discretos espíritos.

Seja, portanto, fastio da velhice do mundo e não al, o desaprovar o que os nossos passados aprovaram. E Vossa Alteza aceite a tenção fundada em seu serviço, como Artaxerxes aceitou água das mãos do simples lavrador, já que esta esperança de sua grandeza e real humanidade me fez atrevido e minha sorte foreiro.

#### Prologo al Re, nostro Signore

Quanto alla fine il tempo fa il suo corso (molto alto e molto potente Re e nostro signore), si rivela chiaramente nel fastidio che esso mostra di avere delle cose già sperimentate, come fanno certi vecchi che si infastidiscono davanti alle azioni dei giovani.

Non trovo, però, che ci sia qualcuno così pertinace e avverso alla ragione, che neghi il valore dei fatti eroici e il prezzo dovuto alla buona memoria che sempre ha rafforzato e prodotto nuovi Imperi; il che era già stato inteso da Temistocle, capitano Ateniese, che per molte notti fu visto passare nelle piazze d'Atene senza riposo. E, richiestogli perché non dormiva, rispose che era dovuto alla vista dei trionfi di Milziade. Allo stesso modo, diceva Scipione, accadeva a lui a cui si accendeva l'animo di bellicosa virtù guardando le statue del passato. Giulio Cesare, tempra di Imperatore, avendo dipinto Alessandro Magno, sospirò con invidia pensando che questi aveva conquistato l'universo e si era impadronito della Monarchia alla stessa età in cui egli quelle cose le poteva solo desiderare. E quei desideri li mise in pratica mostrando come simili esempi sappiano commuovere e incitare a imitarli tutti coloro che li contemplano e li sentono. E se gli stranieri questa forza hanno, di necessità anche i conterranei avranno molta più giurisdizione.

Considerando, dunque, il preclaro Principe, vostro padre, che è ora in gloria, colonna che sosteneva le speranze di questi Regni e ci prometteva di renderle effettive, molto al di là della cura, che, a ragione, tutti noi oggi rimpiangiamo, ché era stato per noi il Nord e un chiaro esempio di imitazione; e poiché la somma provvidenza lo ha chiamato a sé nel fior dell'età, dandoci in pegno una figura ancor più miracolosa come naturalmente è Vostra Altezza, di cui i fatti ci promettono gloriose e eccellenti imprese, mi è parso doveroso far venire alla luce il torneo e mostrare ciò che di lui è rimasto, affinché nel trattarne si abbia la memoria vivida del dolore di tale perdita. Coloro che non lo hanno conosciuto, siano partecipi di questa pena e sia per Vostra Altezza l'*abici* e l'inizio delle sue opere eroiche; e a un tempo compio – con quanto mi fu commissionato dal Principe in vita – ciò che mi giustifica l'opera e dinnanzi a Vostra Altezza mi renda accetto, rispettando l'intromissione e l'incastro del diamante di questa scrittura in un incasso di legno, se vale la visione della storia così come la presento, come ho già fatto al chiarissimo Principe. E dal momento che la scienza di per sé è una cosa singolare che Giovenale chiama vincitrice della fortuna, Aristotele non ha maggior stima per quella scienza che insegna a formare un buon Principe. Questa stessa scienza che Salomone ha chiesto come compagna del suo stesso trono reale. E parlando di essa, dice:

– Grazie a me governano i Principi. E essendo una conoscenza delle cose divine e umane, è sopra ogni cosa necessaria ai Principi. Non si ottiene se non leggendo e vedendo molto, e pare che non le faccia poco servizio chi distingue e sceglie, nel Caos delle scienze, gli elementi e i fiori della più necessaria e adatta al suo vero spirito che, preso dall'ufficio delle proprie preoccupazioni, non ha spazio per fare tali scelte. Avrò Vostra Altezza da altri che riceveranno maggior talento un maggior lucro. Io, seguendo le abitudini dei persiani, che non si presentavano dinnanzi alla Maestà Reale senza doni, che è sempre dovuta come ha confermato il sommo Principe Cristo, nostro autore, in virtù della naturale servitù, volendo pagare l'imposta del mio lavoro e impegno, ho ritenuto la materia eroica più appropriata a ogni ingegno reale perché in essa si tratta di come debba essere il nobile conosciuto per fama oltre le stelle, così come Omero e Virgilio lo hanno magnificamente rappresentato nei loro Poemi, che i nostri moderni hanno imitato con non minor perizia, se non proprio stile, nelle varie storie del Re Artù, di Amadis di Gaula e molte altre simili, le quali, pur senza una vera ragione, sono considerate inutili e senza frutto (opinione superficialmente e comunemente concepita); se infatti dobbiamo credere a Orazio, quello ha preso il cucchiaino che ha mescolato l'utile al dilettevole.

È chiaro, dunque, con quanta melodia in tali eroiche scritture si tratta la bontà della pace, la necessità della guerra, la virtù degli uni, la malizia degli altri; infine si mostra il raccolto delle inclinazioni umani, i suoi primati, i suoi difetti e la pittura di questa vita, nel suo divenire così diversa come il suo epilogo.

E così si dice di santi e gravi Dottori, colonne della militante Chiesa, che non soltanto le hanno lette e le hanno adattate come fiori collocati nella loro sacra dottrina, ma hanno significato con le loro lacrime quelle finzioni, tenute per vane, con la cui autorità ho intrapreso questa ardua impresa, con l'intenzione di offrirmi alla molta repressione portoghese e cortigiana, entrambi urne severe e da temere molto e che per abitudine e non per buona considerazione sono solite umiliare i suoi conterranei: il che a me pare debolezza di ingegno e partito preso piuttosto che sottigliezza di spirito o sufficienza. Poiché io, però, non pretendo elogi, mi accontento della mia intenzione e, al contempo, mi ricordo ciò che, a questo proposito, ha subito S. Girolamo, che in sua difesa dice che quando alcuni hanno chiamato Virgilio mero compilatore di cose vecchie poiché traduceva dal greco al latino certi versi di Omero, rispose: «Rubare da nobili figure, è sottrarre la mela dalle mani di Ercole». E allo stesso Tullio Cicerone furono imputati tali furti e non vi è stato scrittore che non abbia avuto il suo zelante censore.

Così, laddove quei tali si lamentano, è dove posso esser meno attaccato, innanzitutto e con ragione, e per questo che non mi discolpo degli errori e delle audacie di cui, in questa trasposizione del trionfo del Re Sagrador, possa esser accusato. Non li nego, e né posso non confessare come sia di gran pregio ogni Poema ben composto e come essi siano sempre letti e stimati dai dotti e nobili e da un gruppo di animosi e discreti spiriti.

Sia, dunque, fastidio della vecchiaia del mondo e non altro, il non approvare ciò che i nostri antenati approvarono. E Vostra Altezza accetti questo proposito fondato per il suo servizio, come Artaserse accettò acqua dalle mani del semplice contadino, dal momento che la sua speranza e reale umanità mi ha reso audace e la mia sorte debitore.